



O protagonismo da mulher em *Orange Is the New Black*¹

Wellthon Leaf²
Igor Travassos³
Matheus Beltrão⁴

RESUMO

O artigo apresenta um diagnóstico da inserção da mulher no setor audiovisual norte-americano, bem como sua atuação em papéis de destaque, utilizando-se da série *Orange Is the New Black* como plano de fundo e referência para pontuar a necessidade e a importância da igualdade de gênero. Através de estudos do *Center for the Study of Woman in Television & Cinema* e de Marx Weber e Theodor Adorno, concerne-se a introdução da mulher no mercado de trabalho e é demonstrada sua atuação na indústria hollywoodiana.

PALAVRAS-CHAVE: protagonismo da mulher; *Orange Is the New Black*; séries; igualdade de gênero.

1. Introdução ao artigo e à mulher no mercado de trabalho

O mundo do entretenimento tem se moldado por anos, seja nos contextos das liberdades, nas quais se incluem liberdades individuais tão colocadas em vista com a Revolução Francesa e nas liberdades sexuais advindas do movimento feminista, como também nos contextos político-sociais. Este último, apesar de englobar liberdades nos seus vários tipos, nesse artigo, irá se separar do ponto político-social, pois o foco será no embasamento capitalista em que a indústria cultural se moldou.

É fato que após a Revolução Francesa as ideias e conceitos do mundo ocidental se modificaram, e esse processo aos poucos foi adentrando na lógica ocidental de viver

¹Trabalho apresentado como resultado da disciplina Cultura Pop e Estéticas do Mainstream no curso de graduação em Cinema da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife (PE).

²Graduando em Ciências Sociais na UFPE/ Sozialwissenschaft in Hamburg Universität

³Graduando em Comunicação Social/Publicidade e Propaganda na UFPE

⁴Graduando em Cinema e Audiovisual na UFPE

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



processo de capitalização e reprodutibilidade do que se consome no lazer, é possível garantir um meio de obtenção de lucro. Para isso é preciso tornar o produto consumido, em produto a ser reproduzido, tal como um artefato de uma indústria.

Para Adorno (ibid.), os ideais de apreciação estéticos e geniais da música e das artes começam a se deteriorar a partir do momento em que o foco em questão é a obtenção do lucro. Para o autor, é passado um processo de infantilização dos produtos a serem consumidos, em que a simplificação torna-se algo mais fácil a ser consumido, e conseqüentemente de ser vendido. A qualidade e a justificação artística perdem para a quantidade do lucro a ser obtido. Afinal, a ideologia capitalista pela busca do lucro torna-se um grande vício e problema para o que ele chama de indústria cultural.

Assim, se de um lado existe o contexto sociopolítico, no caso o sistema capitalista, do outro lado o surgimento dos direitos que antes eram apenas para os homens são questionados de modo concreto no século XX. O se tornar mulher tal como Simone Beauvoir (1970) explicita, se torna um pano teórico para garantir ao Movimento Feminista questionar os papéis sociais atribuídos de poder, e como a socialização através da leitura de seus corpos garantem a legitimação da desigualdade. Tais conceitos nortearam a garantir de voto para as mulheres, direitos de serem reconhecidas como cidadãs tais como os homens, no entanto, muitas outras esferas da sociedade ainda são permeadas por desigualdade de gênero e é sobretudo em uma delas que o artigo pretende trabalhar.

Para tal análise, é preciso afirmar da importância na sociedade contemporânea que a comunicação ganha. A mídia torna-se uma síntese de informações, e deter o controle de tal esfera da sociedade é a garantia não apenas de poder, mas também de auto-representação. Portanto, é imprescindível tornar notório a importância social e de poder que a mídia possui nas sociedades ocidentais. * Além de pontuar que a

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



necessidade do lucro em detrimento da qualidade, afasta a possibilidade de novos produtos a serem postos. Seguindo a lógica da infantilização adorniana, seria mais coerente gastar investimentos naquilo em que o retorno já é esperado.

Sendo, não apenas a mídia mas também o contexto político-social contexto atrelados e interdependentes da sociedade ocidental, é coerente afirmar que muito da lógica da indústria cultural midiática não é apenas permeada pela lógica social mas também é um produto dela. Deste modo, o produto midiático está viciado na obtenção do lucro, junto à ideologia patriarcal que exclui a mulher dos espaços de poder e consequentemente de representação. Exclusão essa que aos vem sendo diminuída, e ganha notoriedade como nos tempos atuais, tal como o objeto de estudo desse artigo.

Ainda hoje, quando se fala em cultura ocidental é sabido que o controle, poder hegemônico e também grande fatia do lucro da indústria cultural permanece com os EUA. A crítica da hegemonia cultura e do processo de globalização é válida para reflexão da importância da mídia e da cultura como um todo, porém não interessante para aprofundar nesse momento. O relevante é afirmar que o objeto tem poder de propagação na cultural no ocidente não apenas pela possível recepção do público espectador, mas, sobretudo pela possibilidade de adentrar em mercados por vias econômicas e também pela legitimidade que esse segmento cultural possui quando é sabido que é estadunidense. (CARVALHO, 1997)

2. A narrativa seriada

As séries, que passaram a ser mais consumidas a partir dos anos 90, são fragmentos de uma história que são revelados em doses homeopáticas ao público, de modo que o espectador se conecta e se identifica, em parte, com os personagens da trama. Ferramenta utilizada pela indústria cultural, também, para gerar mais lucro para

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



as produtoras e canais de televisão, uma vez que, enquanto um filme, de forma individual, tem um prazo de vida limitado em um ou dois anos, as séries, se obtiverem resultado, tem uma continuidade que passa de temporada em temporada e que permite sua reprodução, sendo a ignição de um sistema lucrativo. (SILVA, 2014)

Friends, *Lost*, *Prison Break*, *Supernatural*, *Smallville* e *Two and Half Man* são exemplos de narrativas seriadas que tiveram - e ainda têm - um prazo de produção e reprodução que fazem com que a indústria do audiovisual dê foco cada vez mais na televisão que no cinema. *Friends*, por exemplo, teve seu início em 1994 e só encerrou dez anos depois, em 2004. E, hoje, em 2014, ainda há quem espera mais temporadas ou até mesmo um filme da franquia. *Smallville* é outro exemplo que durou uma década. Isso se dá fruto também da crise dos estúdios que sectarizou a produção cinematográfica e fez com que os profissionais do mercado se dirigissem à tevê. (ibd.)

A internet também é uma das responsáveis pela consolidação do mercado das séries, funcionando como ferramenta de distribuição para públicos além-tevê que tem como público maciço jovens e adultos dos 15 aos 35 anos. E é graças a internet que surgiu o serviço de reprodução via *streaming*, que funciona como uma locadora online para os usuários cadastrados, dessa forma, não é necessário fazer o download do arquivo e o usuário - que paga para usar - tem acesso a um acervo enorme de filmes e séries. E é a *Netflix* - maior empresa do segmento de reprodução via *streaming* - responsável, hoje, pela produção de algumas séries, como *House of Cards* e o alvo do artigo: *Orange Is the New Black*. (ISTOÉ, 2013)

Com essa massificação na distribuição, consolidada pelo alcance do público além-tevê, os seriados fazem parte da cultura pop da indústria do audiovisual, uma vez que, hoje, atende formatos de produção e semblantes estéticos consolidados pela lógica mercantil. Marcado pelos clichês e estereótipos e histórias de fácil assimilação,

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



as narrativas seriadas habitam, em sua maioria, o *mainstream*. No entanto, é nesse meio de muitos produtos semelhantes que o diferencial e a inovação podem estar contidos em algum aspecto específico ou em toda a narrativa e modo de produção, abrindo, desse modo, um caminho para um novo lugar comum da indústria. (SOARES, 2013)

3. O não-protagonismo da mulher nos filmes e séries hollywoodianas

Apontar o não-protagonismo da mulher no setor audiovisual pode ser considerado estranho, à princípio, pois essa questão se analisada de forma superficial, não faltarão exemplos de mulheres em filmes e séries estadunidenses. No entanto, a presença da mulher não as garante o papel de destaque e nem apresenta a mulher como ela deve ser: normal. E mesmo com os vários exemplos, há um desequilíbrio real nas relações de gênero em Hollywood. Dos cem filmes de maior bilheteria no mercado norte-americano no ano de 2013, apenas 15 produções tiveram uma mulher como protagonista, segundo o *Center for the Study of Woman in Television & Cinema*. Esse mesmo centro de pesquisa aponta que desses cem filmes analisados, apenas 29 contavam com as mulheres no núcleo principal e só 30% das falas eram das personagens femininas. (LAUZEN I, 2014)

E quando são colocadas em destaque, seguem um estereótipo que não representa a mulher norte-americana como ela é, além de apresentar uma disparidade salarial em relação aos homens. Em 2013, a lista da revista Forbes dos dez atores mais bem pagos acumulou 465 milhões de dólares. Já a lista das dez atrizes mais bem pagas acumulou 181 milhões de dólares. Isso indica que os homens receberam 2,5 vezes mais que as mulheres. (ZURKO, 2014)

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



O seriado é produzido de forma inovadora, quanto aos formatos em voga na televisão, pois mostra o papel da mulher de forma não taxativa e/ou idealizada, como de costume na indústria midiática *mainstream*, além de que, seu vanguardismo não se resume apenas ao âmbito artístico, mas também pelo antropológico, pois detalha a história da presidiária, Piper Chapman (interpretada pela atriz Taylor Schilling), classe média, que é indiciada e presa pelo seu envolvimento como cúmplice de sua ex-namorada, Alex Vause (interpretada pela atriz Laura Prepon), traficante de drogas.

A partir de sua imersão no universo prisional, se tem um deslocamento do eixo social do folhetim, pois a “protagonista” (lembre-se que a série não tem uma protagonista expressa em uma personagem só, mas sim que toda a classe de detentas é o *focus amoenus* da produção) sai de um casulo existencial da classe média *yankee* para a mais cruel realidade marginal norte-americana, e lá, na prisão, se tem o contato entre segmentos sociais divergentes - semelhante ao elenco, constituído por atrizes belas, de belezas não hegemônicas e não embasadas no conceito hollywoodiano de produção - que compõem uma teia narrativa que incorpora extremos em um mesmo contexto: a casa de detenção.

Traçando um paralelo com o mote narrativo da ficção, o seriado, tratando de um modelo de comunicação (com existência de carga ideológica) para fácil consumo das massas, tem uma função social que se assemelha a conclusão sobre a narrativa da série: a desmistificação do padrão comportamental midiático existente. E o faz imbuindo sua estética audiovisual em teorias de movimentos sociais de naturezas diferentes, como o movimento Feminista e o Trans, por exemplo. E não o faz de modo raso, pouco convincente; a série molda um universo periférico fantástico que há muito vem sendo renegado do cenário da sociedade norte-americana e de seus estúdios imponentes, como a comunidade gay, black e prisional.

18° REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



representações de homens na mídia, basta zapear por mais de 30 canais de televisão e você vai encontrar, pelo menos, 30 delas. Deixa “Orange Is the New Black” contar uma história diferente.” (ARONOVICH, 2013).

A questão transexual, nunca foi tão bem abordada pela indústria midiática, aliás, a maioria das representações de pessoas trans* nas produções audiovisuais estadunidenses, são interpretadas por pessoas cis, diferentemente da série “Orange Is the New Black”, onde a atriz que interpreta a detenta trans* Sophia Buset, Laverne Cox, também o é, além de militante dos direitos da classe, escrevendo artigos acerca da temática da emancipação das mulheres trans* para centros de comunicação como o Huffington Post.

Sua militância não estanca nas pautas clichês e parte até contra o próprio sistema industrial hollywoodiano, que a seu ver, castra toda e qualquer revolução comportamental acerca do *ghetto* que artistas LGBTT estão fadados a estar, já que não coopta seus recursos midiáticos para com o público com o intuito de aniquilar qualquer tipo de estigma social existente, como na exemplificação acima, a homofobia e a transfobia por parte da comunidade produtora dos estúdios hollywoodianos e pelo seu público no *worldwide*. Laverne, aliás, com seu estigma de tabu perante a sociedade norte-americana heteronormativa e patriarcal quebram como toda a formação opressora ao qual a comunidade LGBTT está acostumada a receber, prova disso é a consagração da atriz com uma indicação ao Globo de Ouro (primeira atriz trans* a ser indicada), sua total participação em fóruns e eventos voltados ao grande público consumidor de seriados, além de sua presença maciça em produtos midiáticos tradicionais, como telejornais, jornais e revistas (Cox foi capa da revista TIME, uma das maiores do gênero almanaque semanal nos Estados Unidos da América).

18° REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



MELLO, Vico ; DONATO, Manoela. O pensamento iluminista e o desencantamento do mundo. Modernidade e Revolução Francesa como marco paradigmático. In: Revista Crítica Histórica. Ano II, nº 4 - Dezembro 2011.

LAUZEN, Martha M. I. It's a Man's (Celluloid) World: On-Screen Representations of Female Characters in the Top 100 Films of 2013. Disponível em: <http://womenintvfilm.sdsu.edu/files/2013_It's_a_Man's_World_Report.pdf> Acesso em: 03 de agosto de 2014.

_____. II. The Celluloid Ceiling: Behind-the-Scenes Employment of Women on the Top 250. Films of 2013. Disponível em: <http://womenintvfilm.sdsu.edu/files/2013_Celluloid_Ceiling_Report.pdf> Acesso em: 03 de Agosto de 2014.

_____. III. Boxed in: Emplment of Behind-the-Scenes and On-Screen Women in 2012-2013 Prime-Time Television. Disponível em: <http://womenintvfilm.sdsu.edu/files/2012-13_Boxed_In_Report.pdf> Acesso em : 03 de Agosto de 2014

ROUANET, João Paulo. As razões do Iluminismo. 1987: Companhia das Letras.

SILVA, Marcelo Viera Barreto. A origem do Drama Seriado Contemporâneo. ANAIS: XXIII Encontro da Compós. Disponível em: <http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT12_ESTUDOS_DE_TELEVISAO/compo_s2014final-corrigido_2245.pdf> Universidade Federal do Pará: 2014.

SOARES, Thiago. Cultura Pop: Interfaces Teóricas, Abordagens Possíveis. Intercom– Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013.

